

Uma tribo, é isso que eu sou

Jan Fabre

diálogo para duas vozes

Voz 1

Uma tribo
É isso que eu sou
Esse “eu” estranho
Que nunca a civilização
controlou

Eu vou limpar minha alma
Para me renovar
Para cair
E para me torturar
Com uma dor de dentes insuportável
Com gengivas inflamadas
E uma terrível câimbra nos maxilares
Que me absorve totalmente
E me faz romper com tudo
Até o ponto de não
Tocar mais a vida
Até o ponto em que o desaparecimento se revela
Eu vou limpar a minha alma
E não vou parar
Antes de encontrar a paz
Antes de parar de me perder nos meus pensamentos
Antes de me libertar da dor de ser livre

Essa dor ardente
Sentir os pensamentos que se deslocam
Estar sempre a caminho
E jamais parar
Em mim
Eu não vou parar de
Limpar minha alma
Camada após camada
Até que reste apenas
A calcificação esférica
De um único pensamento

Eu sou um espírito queixoso
Que não sabe como agir
E que toma sempre o caminho incerto
Da mortificação delirante que é sua vida
Que gravita apenas nos despenhadeiros escarpados
Para examinar o estrangulamento do seu ser
Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
Pssss
Eu sei
Eu perdi a minha língua
Mas isso não dá a vocês
o direito de continuar
Eu desconfio
Dessas merdas peremptórias

Texto publicado em Jan Fabre, “Une tribu, voilà ce que je suis” (excerto), in *L'Histoire des larmes et autres pièces*, versão francesa de Olivier Taymans, Paris, L'Arche, 2005, p. 167-85. Tradução de Sílvia Fernandes.

Que etiquetam
 As criações e o pensamento
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss
 Eu desconfio dos cantores de ópera
 Esses funcionários gordos e
 bem pagos
 que escarram sons em sua alma com
 a precisão de flechas castradas
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss
 Eu desconfio dos compositores
 Essas putas de opereta que vomitam notas
 E copiam uns dos outros as
 Melodias afetadas
 A golpes de *mouse* no computador
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss
 Eu desconfio dos atores
 Esses travestis maquiados demais
 Que só sabem falar quando
 Alguém lhes escreve um texto
 E parecem papagaios mecânicos
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss
 Eu desconfio dos escritores
 Esses escrevinhadores plagiários
 Que deixam seu espírito traficando girar
 Ao sabor dos ventos, como cata-ventos
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss
 Lá onde outros propõem criações
 Eu só quero mostrar
 Meu espírito implicante
 Eu não quero mais lamentar isso
 Pois eu perdi a minha língua
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss

O que estou fazendo?
 Talvez eu tenha apenas uma tarefa!
 Eu mordo a mão de Deus
 Eu não solto os dentes
 Continuo a morder até ser lavado
 Pelos jatos de sangue de Deus
 Eu não devo me purificar
 Porque ele me cega
 Estou destinado a ser um vidente
 Que não vê
 Eu erro
 Eu flutuo

Voz 2
 Há muito tempo não vejo mais a terra
 Mas meus pés estão cheios de bolhas

Voz 1
 Eu não vou parar
 Camada após camada
 Eu vou limpar minha alma
 até que reste apenas
 a calcificação esférica
 de um único pensamento

Eu sou o velho cão
 selvagem
 Que vê as cores do arco-íris
 E que geme e chora sob a lua e
 Sob o sol
 Pssss, pssst, pssst, pssss, pssst,
 Pssss
 Um esqueleto destroçado
 Envolvido por músculos finos e ardentes
 Raquíticos e crispados
 Como se fosse feito de vidro
 E frágil
 (...)